

DESAFIOS E POTENCIALIDADES DAS INICIATIVAS COMUNITÁRIAS AUDIOVISUAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO¹

CHALLENGES AND POTENTIALITIES OF AUDIOVISUAL COMMUNITY INITIATIVES OF THE METROPOLITAN REGION OF THE RIO DE JANEIRO STATE:

Adilson Vaz Cabral Filho²
Mariana Martins Trindade³
Carolinne Cabral Santos⁴

Resumo: *A Região Metropolitana do Rio de Janeiro é constituída por uma série de diferenças sociais e econômicas que caracterizam e refletem a diversidade cultural expressada em seu cotidiano. Realizadores das mais diversas formas de arte buscam transmitir, em seus territórios, as percepções e sentimentos de um cotidiano de lutas e superação, que se manifestam também nas iniciativas comunitárias audiovisuais existentes em diversos bairros, a partir de diversos grupos e coletivos realizadores. A proposta desse artigo é oferecer um mapeamento atual desse midiativismo, enfocando sua atuação, além de limites, desafios e potencialidades a serem trabalhados tanto pela resistência de suas propostas, como pela busca de políticas públicas que lhes permitam visibilidade, legitimação e sustentabilidade.*

Palavras-Chave: *Comunicação Comunitária. Ativismo midiático. Região Metropolitana do Rio de Janeiro.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Políticas e Governança da Comunicação da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² **Adilson Vaz Cabral Filho** é Professor do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenador do grupo de pesquisa EMERGE (Centro de Pesquisa e Produção em Comunicação e Emergência). Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, com pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Carlos III de Madrid. Email: acabral@comunicacao.pro.br.

³ **Mariana Martins Trindade** é graduanda em Jornalismo (UFF) e bolsista de Iniciação Científica (UFF) do projeto “Novos fluxos de produção e circulação de conteúdos audiovisuais pelas populações marginalizadas: convergências, identidades e territórios” (UFF). Email: mariitrindadee@gmail.com.

⁴ **Carolinne Cabral Santos** é graduanda em Jornalismo (UFF) e bolsista de Iniciação à Inovação (UFF) do projeto “Novos fluxos de produção e circulação de conteúdos audiovisuais a partir de iniciativas socioculturais na cidade de Niterói” (UFF). Email: carolinnecabral@id.uff.br.

Abstract: *The Metropolitan Region of Rio de Janeiro is constituted by many social and economic differences that characterize and reflect the cultural diversity expressed in their daily lives. Activists of the most diverse forms of art seek to transmit in their territories the perceptions and feelings of struggling and overcoming everyday limits, which are also manifested in the audiovisual community initiatives of different neighborhoods, from different groups and collectives. The purpose of this paper is to offer a current cartography of this media activism, focusing on its performance, in addition to limits, challenges and potentialities to be worked on, both by the resistance of its proposals, and by the search for public policies that allow them visibility, legitimation and sustainability.*

Keywords: *Community Communication. Media activism. Metropolitan Region of Rio de Janeiro.*

Introdução

As iniciativas de comunicação comunitária, sobretudo as que trabalham com produção e veiculação audiovisual, vem sofrendo muitas limitações que abrangem aspectos econômicos, políticos, tecnológicos, além de sócio-culturais. A restrita regulamentação da radiodifusão comunitária, a complexidade da infraestrutura de transmissão, bem como a democratização sedutora da atuação na Internet, possibilitando acesso e ampliação do potencial de emissão, levam tais propostas a um impasse, que é o de lutar historicamente pela democratização da ponta da emissão e da apropriação dos meios, mas ver a pulverização do acesso levar a uma fragmentação dos laços comunitários.

Num ambiente em que cada um é uma mídia, em que a Revista Time elege "você", o cidadão comum, como pessoa do ano, acolhendo a desconstrução de projetos coletivos e comunitários em prol de investidas pessoais individualizadas, a falta de vontade política por parte do Estado, em sucessivos e distintos governos, para com a implementação de leis e incentivos para proporcionar a continuidade dessas iniciativas e seu caráter comunitário torna-se cada vez mais evidente.

Essa desconstrução acontece em várias partes do planeta, mas em países com regulamentação frágil, o problema torna-se mais evidente. O Brasil não regulamentou o capítulo da Comunicação de sua Constituição Federal e deixa a

descoberto a possibilidade de organização de um setor de organizações sociais que possam atuar na radiodifusão de sons e imagens de forma sustentável. Dentre outras regiões, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, berço, território e potencialidade para a expressão de tantas iniciativas culturais e comunicacionais, está entre as que mais se ressentem com a descontinuidade dessas mídias que tanto contribuem para o desenvolvimento de suas populações locais e para o fortalecimento da cidadania na sociedade em geral.

Marcada por uma série de diferenças sociais e econômicas que caracterizam e refletem a diversidade cultural que expressam em seu cotidiano, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro conta com realizadores das mais diversas formas de arte, que buscam transmitir, em seus territórios, as percepções e sentimentos de um cotidiano de lutas e superação, manifestando-se também nas iniciativas comunitárias audiovisuais existentes em diversos bairros, a partir de diversos grupos e coletivos realizadores. Ao passar por uma primeira parte que enfoca as iniciativas comunitárias possíveis e existentes que atuam no audiovisual, este artigo busca oferecer um mapeamento atual desse midiativismo na região, enfocando sua atuação, além de apresentar limites, desafios e potencialidades a serem trabalhados tanto pela resistência de suas propostas, como pela busca de políticas públicas que lhes permitam visibilidade, legitimação e sustentabilidade.

1. Para demarcar o território das iniciativas comunitárias audiovisuais

No Brasil, o audiovisual comunitário não conta com legislação que regule a prática da radiodifusão aberta de sons e imagens: a lei de radiodifusão comunitária, de 1998, se restringe apenas às rádios e os canais comunitários de tv por assinatura, permitidos no cabo desde 1995 e em outros serviços de tv por assinatura desde 2011, restringem mais a possibilidade de patrocínio na forma de apoio cultural que as rádios comunitárias (que contam com Portaria específica desde 2015, que permite anúncios de patrocinadores, desde que não abordem divulgação de preços e condições de pagamento).

Desse modo, ao migrar para o ambiente digital, as iniciativas tradicionais de comunicação comunitária que trabalham com audiovisual se encontram

inevitavelmente deslocadas ou, quando persistem em suas plataformas analógicas, se deparam também com entraves econômicos e políticos que contribuem para deslegitimar sua potencial contribuição para as populações locais e a sociedade em geral. A consolidação da Internet nas grandes cidades também proporcionou um desgaste às iniciativas comunitárias audiovisuais, fazendo com que muitas passassem a preferir o espaço eletromagnético em favor de WebTVs, sites de mídias sociais, entre outras formas de veiculação de conteúdos digitais.

Dado o persistente interesse das plataformas abertas por parte de grupos de mídia tradicionais no Brasil, abrir mão das plataformas abertas, em especial as do audiovisual, resulta em movimentação precipitada por parte de ativistas, militantes e pesquisadores da área, bem como para o Poder Público. A radiodifusão aberta em torno da qual a tv pode ainda se manter se torna importante como plataforma de diálogo com a população em geral, bem como ponto de partida para uma desejável circulação ampla de conteúdos digitais em diferentes fluxos, transpondo uma lógica massiva de veiculação.

Embora a radiodifusão comunitária venha se desconstruindo pela ausência de políticas e visibilidade, caminhos importantes vem se constituindo como componentes centrais dessa atuação diversa. São esses:

- Canais Comunitários em sistemas de TVs por assinatura, proporcionados desde a Lei de TV a Cabo, de 1995, posteriormente incorporada à Lei de TV por Assinatura, de 2011, compreendidos, desde então, dentro de todos os pacotes básicos de TV por assinatura;
- Canais da Cidadania, cuja portaria regulatória já conta com mais de 10 anos, apesar da restrita adesão e indisposição por parte dos municípios;
- Iniciativas em plataformas streaming ou Vídeo sob Demanda (VoD) por parte de iniciativas comunitárias e/ou independentes, que funcionam a partir da web, como Afroflix, VideoCamp ou TodesPlay;
- canais de coletivos independentes, a partir de comunidades de identidades diversas, em webtvs ou programações esporádicas no YouTube e plataformas semelhantes;

- eventos e festivais que visibilizam a produção audiovisual de populações marginalizadas e produtores comunitários, como o Visões Periféricas, além de
- espaços de mobiliário urbano espalhados na cidade, conhecidos como equipamentos *out of home* (OOH), seja em locais de grande circulação ou em aparelhos públicos específicos, que contam com potencial para serem trabalhados com conteúdos audiovisuais.

Dado o quadro em torno dessa temática e compreendendo serem espaços relevantes para a circulação e a veiculação de conteúdos audiovisuais, cabe aqui investigar a compreensão dessas possibilidades por parte de realizadores de iniciativas comunitárias audiovisuais na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, como parte de uma primeira iniciativa no âmbito dos projetos "Novos fluxos de produção e circulação de conteúdos audiovisuais pelas populações marginalizadas: convergências, identidades e territórios" (PIBIC-UFF/CNPq) e "Novos fluxos de produção e circulação de conteúdos audiovisuais a partir de iniciativas socioculturais na cidade de Niterói" (PIBINOVA-UFF/CNPq), realizados pelo EMERGE - Centro de Pesquisas e Produção em Comunicação e Emergência.

Busca-se aqui contribuir com perspectivas para o audiovisual comunitário, identificando um primeiro mapeamento de iniciativas existentes e suas realizações, para compreender caminhos, limites e potencialidades das iniciativas existentes em torno de estratégias de gestão, programação, produção e distribuição de seus produtos, a partir de fatores como sustentabilidade e independência das iniciativas; ocupação dos espaços visando reforçar bases de legitimação; caracterização de suas temáticas, territórios e competências, além de espaços potenciais de veiculação e integração de comunidades locais e articulações sociais, levando a identificar demandas por políticas públicas que proporcionem sustentabilidade ao setor.

Trata-se, portanto, da primeira etapa de um processo de investigação que identifica potencialidades de atuação dessas iniciativas para não apenas caracterizar caminhos que viabilizem sua sustentabilidade, mas permitam compreender alternativas de atuação profissional e social por parte de jovens nas comunidades e nos cursos de comunicação e áreas afins.

2. Mapeamento dos fluxos de produção audiovisual na Região Metropolitana

Faz-se necessário aqui apresentar um mapeamento inicial das iniciativas de produção audiovisual na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, com o intuito de explicitar as dificuldades de difusão do conteúdo periférico, uma vez que se compreende que hoje as redes sociais e as plataformas de streaming também são utilizadas por grupos e coletivos de modo a divulgar os conteúdos feitos pelas populações marginalizadas. Porém, ainda que esses grupos estejam nas redes, é nítido que muitos aspectos os diferenciam das produções financiadas pelas empresas privadas, como, por exemplo, o alcance ao público.

É necessário ter em mente que o estudo foi pensado nas periferias de cinco cidades desta região que compreendem maior população e PIBs, a saber: Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo, Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Locais distintos, cada um com sua particularidade, mas em comum sua busca por visibilidade audiovisual.

• Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro conta com diversos cineclubes históricos, coletivos, TV Comunitária e além de ser também onde se encontram os pólos de produção de streaming.

A TV Comunitária do Rio de Janeiro, com 25 anos de luta pela democracia na mídia, é um espaço de compartilhamento de informações de qualidade, checagem de fatos e combate às fake news. Funciona pelo Canal 06 da NET, pelo serviço de tv a cabo, podendo também ser acessada pela Internet, pelo site <http://www.tvcomunitaria.rio/>.

As produções de streaming presentes no Rio possuem nichos, apesar do objetivo comum de divulgar documentários e filmes independentes brasileiros. Por exemplo, a LGBTQFlix é uma galeria que apresenta produções brasileiras e é focada em curta-metragens. Todos os filmes foram dirigidos por cineastas LGBT+ brasileiros e/ou tem a comunidade como tema. A plataforma foi desenvolvida a partir do coletivo #VoteLGBT, que existe desde 2014 buscando aumentar a representatividade de LGBT+ em todos os espaços, principalmente na política.

Nascido na Lapa, o cineclube Beco do Rato era um cineclube itinerante muito característico da cidade. Por mês tinha até 6 sessões, com datas e locais divulgadas no blog do cineclube. A ação, de difusão cinematográfica em apoio a coletivos de produtores, foi descontinuada em 2016. Há outros cineclubes na cidade, que podem ser acessados a partir do site da ASCINE-RJ (<http://ascinerj.blogspot.com/>).

• Niterói

A cidade conta com cerca de 400.000 habitantes e, segundo estudo de 2011, da Fundação Getúlio Vargas, com a população mais rica do Brasil, tendo 30,7% inserida na categoria de classe A. Nos últimos 4 anos foi exemplo do Estado, com incentivo a cultura, festivais audiovisuais, programas de aprendiz no audiovisual e espaços culturais abertos ao público. Dentre as cidades levantadas, foi a que apresentou maior número de coletivos ativos.

Em atuação desde 1992, a BemTV é uma organização sem fins lucrativos que trabalha com mídia e educação junto a adolescentes e jovens nos territórios populares de Niterói e São Gonçalo. Entre outros projetos de mobilização social, a ONG implementa o Projeto Olho Vivo que, desde 2003, oferece oficinas de comunicação e arte a adolescentes e jovens de baixa renda, e a Rede de Jovens Comunicadores, iniciada em abril de 2020 como estratégia de manutenção de vínculo, garantia de renda e promoção da saúde, que se desdobrou na Agência Popular Jovens Comunicadores, que trabalha conhecimentos técnicos e conceituais básicos da área de comunicação com direitos e mobilização social.

A Imaginário Digital é uma associação cultural de Niterói sem fins lucrativos, que trabalha por meio de três eixos: audiovisual, educacional e tecnológico. Qualificado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), o grupo tem como objetivo gerar espaços inovadores que contribuam diretamente no processo de ensino-aprendizagem através da criação e difusão de imagem e som, integração dos ambientes formais de ensino e uso da tecnologia para geração de conhecimento. Utilizam o Facebook, o site e o Youtube para se comunicarem com o público.

Dentre suas atividades, estão presentes os projetos “Visões Lab”, “Sem Giz, nem Lousa”, “Na Real Virtual”, “Mulheres que Falam Português”, “Visões Periféricas” e o “Seminário Deseducando Olhar”. No Youtube, a última atualização de vídeos referentes a eles estão desatualizados desde 2017.

O Festival Visões Periféricas, promovido pela Imaginário Digital, é um evento de difusão de filmes curta, média e longa-metragem no país que contribui para a formação e inserção do jovem realizador periférico no circuito nacional de festivais e no mercado audiovisual. Ele é realizado uma vez por ano, contudo, por conta da pandemia da covid-19, a edição de 2020 foi adiada para o ano seguinte e conduzida totalmente online.

Hoje, a Imaginário Digital sofre com a falta de comunicação sobre o 2º Edital de Fomento ao Audiovisual de Niterói por parte da Prefeitura do município. Em carta pública, o projeto declarou omissão no que se refere à contratação e desembolso do referido edital e afirma que a situação de repasse dos recursos se agrava pelo fim da gestão política de 2020 e pelo momento pandêmico que a cidade ainda se encontra.

O coletivo Dom Cultural, também residente de Niterói, atua com produções independentes de caráter documental acerca da arte e da cultura do município. Eles utilizam o Facebook, o Instagram e o Youtube para se comunicar com o público e para atualizar as produções. No projeto, os artistas exibem suas obras e seus trabalhos perpassando pelos mais diversos movimentos artísticos e, nele, são exibidas músicas, esculturas, pinturas, artes de rua, exposições, entre outros.

O coletivo Manas também se localiza em Niterói e atua através da linguagem audiovisual ao debater sobre o universo das mulheres e suas dificuldades. Igualmente, promove exhibições cinematográficas e discute questões de identidade e sustentabilidade em filmes de protagonismo feminino. Tem como canais de comunicação o Facebook e o Instagram, além de realizarem o programa “Toda Mulher” na TV ALERJ.

Por fim, direto das comunidades, a série Papo na Subida retrata grandes talentos moradores das favelas de Niterói, com o objetivo de demonstrar, através do audiovisual, uma diferente percepção desses espaços: locais cheios de esperança

com pessoas que acreditam na arte. Os episódios vão ao ar no canal da Campus Avançado, organização sem fins lucrativos com sede instalada no Caminho Niemeyer, que desenvolve projetos em diversas frentes culturais além do audiovisual, tendo sido Ponto de Cultura da cidade e participado ativamente do Fórum de Cultura.

A TV Comunitária de Niterói, que iniciou em 1999 a veiculação de sua programação pelo cabo, organizou-se pela articulação de trabalhadores locais, teve sua transmissão descontinuada, mas relançou-se em 2010 no Facebook e no YouTube. No entanto, a utilização dessas mídias sociais encontra-se defasada e sem periodicidade.

- São Gonçalo

Seguimos com a cidade vizinha a Niterói, porém, longe de ser igual, São Gonçalo. Com cerca de 1.091.737 habitantes, o segundo município mais populoso do Estado, tem a cultura ameaçada. Nos últimos 4 anos de mandato de José Luiz Nanci, o ex-prefeito tentou por diversas vezes extinguir a Secretaria de Cultura. Agora, com o atual prefeito Capitão Nelson, o Diário Oficial do dia 2 de janeiro publicou a extinção da Secretaria de Cultura da cidade, acabando por voltar atrás após repúdio social. Isso caracteriza as ações e falta de incentivo à produção e distribuição de cultura e arte audiovisual na cidade.

O Cine na Praça tem o objetivo de fomentar a cultura cinematográfica na região, o cine-clubes ocupa os espaços públicos e a fim de democratizar o acesso à cultura através da exibição de curtas e longas-metragens nas praças da cidade, ocorria toda segunda quarta-feira do mês, às 19h, e o local era divulgado nas redes sociais. Contudo, diante a pandemia do coronavírus, a última edição foi no dia 15 de janeiro de 2021. Além das mostras, o Cine na Praça promovia e divulgava cursos de audiovisual gratuitos em parceria com Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro e também festivais de cinema com o coletivo Ponte Cultural.

O coletivo Ponte Cultural, tem papel fundamental na cidade, oferece cursos e oficinas de arte, promove uma agenda completa e além de divulgar artistas e fóruns.

O grupo promove o Cine Tamoio, o maior festival de cinema de São Gonçalo, contudo, no ano de 2020 nenhum edital de incentivo a projetos culturais foi aberto, o que impactou diretamente no evento, que contava com a verba de R\$250 mil reais. A produção do evento acabou trabalhando de graça e os responsáveis pelos filmes concorrentes não conseguiram participar.

Dessa forma é possível entender a precariedade da cultura na cidade. Alguns coletivos ainda buscam saídas, ainda que sem muito apoio. Além dos já citados, ainda podemos destacar a “Frente Papa Goiaba de Promoção dos Direitos da Juventude Negra”, que articula os Municípios de Niterói e São Gonçalo na luta em defesa dos direitos da juventude afrodescendente, com foco em acesso ao emprego, renda e qualificação profissional.

• **Duque de Caxias**

Duque de Caxias, o município da Baixada Fluminense com 924 624 habitantes, tem como prefeito Washington Reis, que assume seu 3º mandato da cidade. Com mais de 3 salas de leitura, duas salas de Teatro Municipal, além de diversos coletivos, a cidade em 2020 decretou situação de calamidade pública e, com a finalidade de manter o incentivo à cultura na cidade, implementou a lei Aldir Blanc (14.017/2020), que dispõe verba ao setor cultural durante o estado de calamidade pública. Contudo, os projetos contemplados não são direcionados a coletivos e muito menos ao audiovisual.

A ONG Mundo Novo da Cultura Viva, localizada na Chatuba, tem um projeto chamado Cine Simãozinho. Através de edital público com a Secretaria Estadual de Cultura e Ministério da Cultura, a instituição foi contemplada em 2010 com uma sala de cinema, onde atualmente as sessões ocorrem esporadicamente com programação diversificada e aberta à comunidade. Contudo, a ONG funciona mais como cineclubes e incentivo a cultura, pois não oferece workshops ou cursos na área do audiovisual.

Já o grupo Goméia Galpão Criativo reúne grupos que trabalham com produção cultural, audiovisual, comunicação e cultura digital, funcionando como um Coworking Cultural da Baixada Fluminense. Oferecendo workshops de produção audiovisual

como produção, direção, montagem, finalização, edição de vídeo, elaboração de roteiro, execução de oficinas, sessões cineclubistas e diversos outros. Na página do Facebook, o coletivo divulga diversas ações, feiras e cineclubes relacionados ao audiovisual, como por exemplo a FAIM - Feira de Arte em Imbariê.

• Nova Iguaçu

A cidade mais antiga da Baixada, com estimativa de 823.302 habitantes, tinha uma TV comunitária. Conhecida como TV Maxambomba, funcionou de 1986 a 2002. Em 2013, o Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) resolveu preservar a memória da TV que foi tão importante para o fortalecimento da cidadania e da comunicação comunitária da região. Assim, entre 2013 e 2015, foi desenvolvido o projeto “TV Maxambomba: Televisão Popular e Memória da Baixada Fluminense”, que recuperou e digitalizou parte dos programas, fotos e textos. O projeto foi uma parceria entre o CECIP e o Programa de Pós-Graduação da FEBF, que contou também com financiamento da Secretaria Estadual de Cultura.

Outro suspiro de audiovisual periférico foi a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu - ELC. A primeira escola de audiovisual da Baixada Fluminense que nasceu em julho de 2006 no bairro de Miguel Couto, contudo atualmente se localiza no bairro de Austin. A Escola nasceu da parceria entre o projeto Reperiferia e o programa Bairro Escola da Prefeitura de Nova Iguaçu. Ambos idealizados por Marcus Faustini, atual Secretário Municipal de Cultura do Rio. Apesar de ter afirmado em janeiro, em entrevista ao jornal O Dia, “Vai ter fomento em 2021!”, a ELC está parada desde 2019, assim como seus projetos e desmembramentos.

Assim como Duque de Caxias, Nova Iguaçu também decretou situação de calamidade pública e implementou a lei Aldir Blanc, a fim de dispor verba ao setor cultural. Contudo, até o momento de publicação deste artigo, ainda não foram divulgadas as entidades contempladas pelo edital, demonstrando atraso no processo de seleção.

3. Caminhos possíveis de atuação

Diante da compreensão desses novos fluxos de produção e circulação de conteúdos audiovisuais, é nítido que as populações marginalizadas das regiões aqui estudadas não estão nem perto de obter o apoio necessário de políticas públicas que reconheçam suas contribuições. Não chegam a dar conta de possibilitar a necessária visibilidade ou de alcançar pessoas, mas principalmente não viabilizam o acesso às plataformas, as formas de uso, ao entendimento e modos de se fazer audiovisual. Nos espaços assumidos como potenciais, principalmente os streamings, existe uma bolha muito forte de informação, que apesar da vontade e da necessidade da mobilização existente, é significativamente prejudicada pela ausência de verba ou pelo preconceito.

Ainda em São Gonçalo, algumas salas de leitura dentro de escolas e conjuntos habitacionais ainda obtêm apoio do município, porém esses espaços não oferecem nada além dos espaços. Seria interessante a promoção de oficinas e qualquer outra ação ali realizada pois muitas dessas salas, acabam sem uso.

Assim como a FAIM - Feira de Arte em Imbariê e o Iguacine – Festival de Cinema da Cidade de Nova Iguaçu, seria ideal que os outros municípios elaborassem festivais como esses. E que os já existentes pudessem ser retomados. O fato desses eventos reunirem artistas, pesquisadores e a comunidade em geral, para apreciar arte da periferia e pensar sobre ela, é um ato de resistência que não deve parar.

O Youtube é uma plataforma muito importante na construção audiovisual comunitária e periférica, pois tem o acesso menos dificultado e é de fácil manuseio. Desse ponto de partida, o canal do coletivo Ponte Cultura, de São Gonçalo, e também a Rodada Cultural, de Duque de Caxias, são pontos estratégicos na divulgação e podem servir de exemplo potencial de atuação, utilizando-se da divulgação de artistas e curtas.

A reativação de projetos como a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, para além dos limites da cidade, proporciona contato e avanço significativo na capacitação e na produção audiovisual. Dá oportunidade a novas formas de expressão, conhecimento, experiência e até inserção no mercado de trabalho. O

CECIP também é responsável por diversos projetos de educação digital e formação de jovens periféricos. Um deles é o Oi Kabum!Lab, uma parceria entre o Oi Futuro que tem como objetivo investigar a cidade em um ambiente de criação e formação multi-linguagem no campo da arte e tecnologia e seria muito positivo que jovens de periferias de outras cidades tivessem acesso a esse conteúdo.

Durante o ano de 2020, mesmo com a pandemia do covid-19 o projeto Casa da Inovação, criado em parceria com a UFRRJ e a Secretaria Municipal de Assuntos Estratégicos, Ciência, Tecnologia e Inovação (SEMACTI) da Prefeitura de Nova Iguaçu, ofereceu aulas de audiovisual gratuitas online e com emissão de certificado. Foram ofertados cursos de “Youtuber e produção audiovisual” e também “Audiovisual e Mediação Tecnológica na Educação”. Contudo a última turma foi em setembro de 2020 e não foi notificado nenhum retorno até o momento, nem mesmo nas redes sociais que não tem atualizações desde outubro do ano passado. Esse tipo de ação poderia ser mantida no formato remoto e desenvolvida pelas outras cidades, principalmente no que diz respeito ao estado do Rio como um todo, abraçando diversos jovens.

Considerações finais

Esta breve apresentação de projetos de comunicação audiovisual, em torno das cidades da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro analisadas, reflete um retrato que ao mesmo tempo expõe as limitações do investimento público em Cultura e Comunicação, bem como evidencia os limites relacionados à ausência de políticas públicas capazes de dar conta dessas áreas e mobilizar realizadores.

Outro aspecto comum aos projetos existentes e à potencialidade que produtores culturais de tais municípios é a incapacidade de vislumbrarem perspectivas de sustentabilidade através de financiamentos coletivos, ou de agências de fomento que os viabilizem. A fragmentação da forma de articulação em coletivos fortalece a ausência de continuidade desses projetos, mantidos pelo envolvimento voluntário e bem disposto de seus integrantes, apesar dos limites e descontinuidades que podem ser observados ao compreender retratos semelhantes em intervalos de tempo variados.

Assim, as iniciativas de comunicação comunitária de audiovisual já disponibilizadas a partir de regulamentações já aprovadas, tais como os canais de TV por assinatura ou os da Cidadania, são consideravelmente subaproveitadas, na medida em que demandam envolvimento mais intenso e conhecimentos específicos dos quais tais coletivos formados por grupos muito restritos não dispõem.

Um dos caminhos que este projeto buscará perseguir é articular pessoas com competências variadas e complementares a partir dos municípios, visando a criação de fóruns mais amplos de compartilhamento de experiências e de debates visando a identificação de alternativas comuns de atuação, capazes de proporcionar autonomia dos projetos, mas ao mesmo tempo a consciência em torno de demandas pela valorização do setor pelos formuladores e implementadores de políticas públicas no âmbito dos municípios e do Estado do Rio de Janeiro.

Referências

AFROLIX. **AFROFLIX**. Disponível em: <<http://www.afroflix.com.br>>. Acesso em: 28/02/2021

BECO DO RATO. **BECO DO RATO**. Disponível em: <<https://becodorato.wordpress.com/>>. Acesso em: 28/02/2021.

Bombozila. **Bombozila**. Disponível em: <<https://bombozila.com>>. Acesso em: 28/02/2021.

Casa da Inovação. novaiguacu.rj.gov.br. Disponível em: <<http://novaiguacu.rj.gov.br/casadainovacao/cursos-online.html>>. Acesso em: 28/02/2021.

Cine na Praça. www.instagram.com. Disponível em: <<https://www.instagram.com/cinenapraça/>>. Acesso em: 28/02/2021

CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular | **TV Maxambomba**. Centro de Criação de Imagem Popular. Disponível em: <<http://www.cecip.org.br/site/tv-maxambomba-2/>>. Acesso em: 28/02/2021.

Casa da Inovação. Disponível em: <<http://novaiguacu.rj.gov.br/casadainovacao/cursos-online.html>>. Acesso em: 28/02/2021.

Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu. Disponível em: <<http://escolalivredecinemani.com.br>>. Acesso em: 28/02/2021.

Frente Papa Goiaba de Promoção dos Direitos das Juventudes Negras. www.facebook.com. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/frentepapagoiaba/?fref=mentions>>. Acesso em: 28/02/2021

Gomeia Galpão Criativo. Disponível em: <<https://gomeia.com.br/>>. Acesso em: 28/02/2021.



Instituto Mundo Novo. Disponível em: <<https://institutomundonovo.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 28/02/2021.

FAIM. www.facebook.com. Disponível em: <<https://www.facebook.com/faimfestival/>>. Acesso em: 28/02/2021.

Iguacine | **Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu** – 5º Festival de Cinema da Cidade de Nova Iguaçu. Disponível em: <<http://escolalivredecinemani.com.br/iguacine/>>. Acesso em: 28/02/2021.

LGBTQ, VOTE. **LGBTFLIX.** #VoteLGBT. Disponível em: <<https://www.votelgbt.org/flix>>. Acesso em: 28/02/2021.

MELO, Thaís. Câmpus Nova Iguaçu - UFRRJ. **Curso de audiovisual do +Casas da Inovação integra arte, tecnologia e a cultura da Baixada Fluminense.** Disponível em: <<http://www.ni.ufrrj.br/curso-de-audiovisual-do-casas-da-inovacao-integra-arte-tecnologia-e-a-cultura-da-baixada-fluminense/>>. Acesso em: 28/02/2021.

NOVA IGUAÇU, Semacti. Disponível em: <<https://www.instagram.com/semacti.novaiguacu/?hl=pt-br>>. Acesso em: 28/02/2021.

Paiol Cultural. Disponível em: <<http://paiolcultural.com.br/projetos/>>. Acesso em: 28/02/2021.

PIERANTI, Octavio. **Políticas Públicas de Radiodifusão no Governo Dilma.** Brasília, FAC Livros/UnB, 2017.

RODADA CULT ; TELES, Maria. **Rodada Cult - VANTAGENS DA BAIXADA FLUMINENSE - Projetos Culturais.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5y5_gr5peRY>. Acesso em: 28/02/2021.

TV COMUNITÁRIA DO RIO DE JANEIRO. www.tvcomunitaria.rio. Disponível em: <<http://www.tvcomunitaria.rio/>>. Acesso em: 28/02/2021

VIOLA, Denise; CASTRO, Flora. **"No Rio, coletivo leva filmes independentes para população de São Gonçalo e Itaboraí."** Brasil de Fato - Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2019/06/27/no-rio-coletivo-leva-filmes-independentes-para-populacao-de-sao-goncalo-e-itaborai>>. Acesso em: 28/02/2021.